



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Sociologia da Educação

Sinop, v. 9, n. 3 (25. ed.), p. 987-1001, nov./dez. 2018

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

AS RELAÇÕES DE GÊNERO E A DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

GENDER RELATIONS AND MALE TEACHER IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Jordiel Pereira da Silva

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo de caso realizado no município de Sinop com um pedagogo da Educação Infantil. Objetivou explicitar as relações de gênero presente quando o homem se apresenta como professor buscando desenvolver suas práticas docentes. Como metodologia foi realizado entrevista com um professor, uma coordenadora pedagógica e três pais de alunos. Para tanto, fundamentou-se teoricamente em Guacira Lopes Louro e Claudia Bonfim. Constatou-se que o professor sofre discriminação e preconceito dentro da instituição, porém, na maioria das vezes, de maneira velada. Apesar do professor não ter tido restrições técnicas/pedagógicas para sua atuação, apresenta, em seu comportamento, amabilidade pelos alunos.

Palavras-chave: Educação Infantil. Docência Masculina. Relações de Gênero.

ABSTRACT²

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **AS RELAÇÕES DE GÊNERO E A DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**, sob a orientação da Ma. Maria Angélica Dornelles Dias, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2018/1.

² Resumo traduzido pela Professora Mestra Betsemens B. de Souza Marcelino. Professora interina do curso de Letras da UNEMAT/Sinop. Mestra em Estudos de Linguagem pela UFMT/Cuiabá, 2015. Graduada em Licenciatura Plena em Letras, Português/Inglês pela UENMAT/Sinop, 2013.

Investigating a male pedagogue in early childhood education. Its objective was to explain the gender relations that appears when a man introduces himself as a teacher, seeking for developing his teaching practices. As methodology it was made interviews with a teacher, with the school coordinator and with students' parents. Thus, the theoretical framework was based in Guacira Lopes Louro and Claudia Bonfim. It has been found that they suffer discrimination and prejudice but most often in a veiled way. Although they have not had technical / pedagogical restrictions for their performances, they have a kindly behave with the students.

Keywords: Pedagogue. Male. Early childhood education. Gender.

Correspondência:

Jordiel Pereira da Silva. Graduando em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: jordiel.ps@gmail.com

Recebido em: 20 de setembro de 2018.

Aprovado em: 24 de outubro de 2018.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3329/2391>

1 INTRODUÇÃO

A presença de homens na Educação Infantil é um fenômeno incomum frente à histórica predominância do gênero feminino no trabalho docente com crianças. Informações do Censo de Professores da Educação Básica, conforme BRASIL (2009, p. 21) revelam que quanto menor a faixa etária das crianças, menor também é o percentual de homens que atuam na primeira fase da Educação Básica. Com base neste contexto e em rodas de conversas tendo em vista eu como futuro Pedagogo e com interesse em atuar nos anos iniciais, despertou-se a curiosidade de investigar a aceitação e o acolhimento nessas instituições cuja grande maioria dos docentes é mulheres.

O presente trabalho visa discutir as relações de gênero e as concepções da docência sobre a feminização da prática pedagógica na Educação Infantil. Com isso buscou-se realizar a pesquisa em uma escola do município de Sinop no Estado de Mato Grosso na qual houvesse homem desenvolvendo suas práticas pedagógicas

com crianças entre zero e cinco anos. Com objetivo de analisar as concepções produzidas sobre a conduta do professor homem nas práticas da Educação Infantil, estudar as implicações sociais e de gênero produzidas sobre a presença da figura masculina neste campo de atuação.

2 CONCEITUANDO GÊNERO

Gênero vem sendo usado desde o final dos anos 70 pelas feministas para explicar a desigualdade existente entre mulheres e homens e segundo Louro (1997, p. 23) “Assim, no Brasil, será já no final dos anos 80 a princípio timidamente, depois mais amplamente as feministas passarão a utilizar o termo gênero”. Segundo a autora o conceito chega ao País não para atribuir papéis, regras ou padrões, mas para mostrar que cada sujeito constrói sua identidade.

O termo gênero foi construído culturalmente pela sociedade dominante e ao longo desse processo foi crescendo e passou a ser utilizado para explicar diversas situações, vale lembrar que há uma dualidade atribuída ao conceito; o biológico e o cultural que segundo Bonfim (2012, p. 37, grifo do autor):

Gênero é o que “determina” aquilo que culturalmente seriam características do ser “masculino” e do “feminino”: forma física, anatomia, maneira de se vestir, falar, gesticular, enfim, as atitudes, os comportamentos, os valores e os interesses de cada gênero (lembrando que essas características são designadas pela sociedade culturalmente dominante). Essas diferenças são estabelecidas historicamente, de acordo com dada sociedade, e influenciadas por sua cultura.

O termo gênero, portanto é uma construção social e pode ser transformada. Sendo assim como cita Joan Scott (1995, p. 75), não é um termo constituído biologicamente natural, e sim cultural, socialmente produzido em determinados contextos sociais históricos, a partir de elementos diferentes percebidos entre os sexos. Conforme Louro (1997, p. 21):

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos.

Tal construção pode ser usada ao indicar valores e características no reino humano, no reino vegetal e animal, sendo assim tem muitos significados o que permite interpretá-lo com conceito e categoria de análise, podendo ser utilizado para diversas atribuições em diferentes áreas do conhecimento.

A autora remete a ideia de que o gênero é construído e como tal é possível ser transformado. Nota-se, portanto que a discussão hegemônica que existe é nada mais do que a soberania masculina e a submissão feminina, onde culturalmente desta forma criou-se um preconceito retrógrado que renegam o gênero e valorizam apenas o sexo, sendo ele masculino ou feminino, deixando de lado o pensamento e o sentimento de como o outro se reconhece e se identifica como pessoa, pois. Segundo Bonfim (2012, p. 40):

Historicamente fomos condicionados a acreditar que homens e mulheres têm papéis distintos na sociedade. As cores diversas que um e outro podem usar, a maneira própria como cada um deve se comportar, as brincadeiras e os brinquedos vistos como “de menino” e “de menina”, os direitos desiguais que cada um possui a forma diferente como são educados.

Com isso a autora nos mostra que na Educação não poderia ser diferente, pois a organização do espaço escolar é realizada por pessoas distintas com anseios, desejos e ações diferentes, porém esse espaço de aprendizagem não diz respeito apenas aos alunos que vivem sobre regras que tem como principal função reproduzir o conhecimento que perpassam as gerações de homens brancos e heterossexuais, segundo Louro (1997, p. 28):

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também se transformando na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe.

Percebe-se que as questões de gênero perpassam todos os âmbitos sociais e dentro do ambiente escolar há uma cobrança maior, pois, os educadores são atuantes em uma área cheia de significantes sociais, por isso acaba por ter que

manter um comportamento e uma conduta moral que raramente será exigida em outro local, pois são taxados como modelos a serem seguidos.

2.1 Feminização da docência

A docência era uma profissão representada pela figura masculina desde o início da história da educação, pois essa imagem era um exemplo de conduta a ser seguido pelas crianças como um meio de impor respeito e caráter. Com tudo foi no século XX que as mulheres entraram com tudo no magistério logo após a inauguração da escola normal, assim, passaram a ser maioria atuante como docente. Almeida (1998, p. 28):

O magistério primário, como ocupação essencialmente feminina revelada já nesse período, possibilitou às mulheres, notadamente da classe média que se alicerçava no panorama socioeconômico do país, a oportunidade para ingressar no mercado de trabalho.

A mulher ser aceita no magistério só foi possível graças ao dom culturalmente construído pela sociedade dominante, pois ela só foi aceita devido a essa profissão ser vista como uma missão e uma extensão do lar e de suas funções domésticas. Segundo os autores Kramer (1994) e Codo (1998), a identidade docente na educação infantil se justifica por uma relação entre o cuidar e o educar existente nas salas da educação infantil. Somando a essa ideia, Apple (1988, p. 19, grifos do autor), define o trabalho feminino como propenso à proletarização, segundo ele:

O trabalho da mulher é considerado de alguma forma inferior ou de menos status pelo simples fato de ser uma mulher quem o faz. [...] o suposto “jeito para cuidar” feminino, as qualidades empáticas, “naturais” das mulheres e seus salários relativamente baixos tornavam-na ideais para ensinar em tais escolas.

Sendo assim, com o início das mulheres no magistério da Educação Infantil se feminizou, tendo características associados às mulheres, como amor, cuidado, sensibilidade, delicadeza, etc. Com tudo, esse chamado dom teve uma contribuição negativa para o magistério no Brasil, houve uma desvalorização na profissão que repercute até os dias atuais, com baixos salários, preconceitos com professores do sexo masculino e pouco prestígio social.

A docência foi perdendo seu prestígio diante da visão masculina e deixando de ser desempenhada por homens; os homens por outro lado passam a ocupar cargos no administrativo por se negar a realizar as mesmas funções de uma mulher e ter o mesmo salário. Segundo Almeida (1998, p. 66):

A ocupação do magistério pelas mulheres deu-se efetivamente pelo aumento do número de vagas e, segundo alguns historiadores, pelo abandono dos homens desse campo profissional. A retirada dos homens em busca de outros empregos mais bem remunerados teria permitido que seus lugares fossem ocupados pelas mulheres, e alguns autores, aliás, arriscam a hipótese de que era desonroso e até humilhante para os homens exercer essa profissão.

Com o passar do tempo as mulheres conquistam seu lugar no mercado de trabalho pelo magistério. Porém, a feminização não se deu de maneira imediata, as mulheres durante muito tempo ainda foram submetidas a muitas provas, pois seu caráter e índole eram postos em xeque diariamente.

2.3 Prática Pedagógica do Professor

A presença do docente homem em ambientes de educação e cuidado de crianças pequenas é tida como algo fora do comum e que, se possível, deve ser evitada. Ao mesmo tempo é tido como importante no interior das instituições e nas interações estabelecidas nesse mesmo ambiente, a presença masculina é importante na formação de caráter e na construção de conhecimento, uma vez que os mesmos são exemplo para os meninos e tem uma semelhança com a presença do pai para ambas as crianças independente do sexo.

O espaço de educação infantil em sua grande maioria é composto por mulheres, é possível afirmar na atualidade segundo Carvalho (1998, p. 5), que:

[...] prática escolar em nosso país, predomina uma visão maternal e feminina da docência, colocando em relevo os aspectos formadores, relacionais, psicológicos, intuitivos e emocionais da profissão, frente àqueles aspectos socialmente identificados com a masculinidade, tais como a racionalidade, a impessoalidade, o profissionalismo, a técnica e o conhecimento científico.

Porém, isso não deixa de lado o homem como profissional formado em Pedagogia e capacitado para atuar na docência em Educação Infantil, pois a criança em sua construção psíquica precisa da figura masculina para a formação do seu EU psíquico.

Quando o assunto é à docência masculina em instituições de ensino de Educação Infantil são várias as representações de gênero em circulação construídas culturalmente ao modo de ser e agir do docente homem em instituições educacionais. Louro (1997, p. 24) nos lembra que:

Discutir a aprendizagem de papéis masculinos e femininos parece remeter a análise para os indivíduos e para as relações interpessoais. As desigualdades entre os sujeitos tenderiam a ser consideradas no âmbito das interações face a face. Ficariam sem exame não apenas as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e as feminilidades, como também as complexas redes de poder que (através das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e dos símbolos...) constituem hierarquias entre os gêneros.

O autor cita acima que não são os indivíduos em suas particularidades de gênero que decidem como a educação deve ser, mas sim a sua conduta e sua formação. Levando em conta que é dever do professor ter uma boa prática docente, deve-se lembrar também que o ensino não é algo neutro e sim uma dualidade, pois quando se referencia a prática masculina busca esclarecer questões de gênero nas quais não importa o sexo do professor em atuação. Segundo Almeida (1998, p. 76):

[...] se por um lado educar e ensinar é uma profissão, por outro lado, não há melhor meio de ensino e aprendizagem do que aquele que é exercido de um ser humano para outro, isso também é um ato de amor. E indo mais além, gostar desse trabalho, acreditar na educação e nela investir como indivíduo também se configura como um ato de paixão, a paixão pelo possível [...].

A partir do esclarecimento que a autora nos traz é possível identificar que o profissional da área da educação ou de qualquer outro campo de ensino de ciências seja ele do sexo masculino ou feminino que passe por um processo de preparo e formação está preparado para exercer suas funções como educador.

Mesmo levando em conta essas várias representações que o Pedagogo pode sofrer ao escolher a profissão de educador em um espaço tido como feminino muitos

coloca a questão do querer e se motivam a permanecer atuando e fazendo o que Robelo (2011, p. 13) ressalta como “gostar” da profissão:

Esse gosto pela profissão acima de todas as outras possíveis motivações e predominante entre os nossos inqueridos e entrevistados. Dessa forma, o gostar e destacado não só como motivador da escolha profissional, mas como necessário ao exercício profissional docente[...].

A escolha do homem pela docência e influenciado pela questão do gostar, ainda mais se tratando da Educação Infantil, pois essa modalidade de ensino requer um cuidado a mais e o profissional que a escolhe tem que gosta do que faz e sentir-se realizado. Acredita-se, portanto que não se deve reduzir a identidade docente às representações existentes, mas sim se deve estar em harmonia com o que Garcia, Hypólito e Vieira (2005, p. 54) percebem:

[...] a identidade profissional dos docentes [e também dos diretores, dos supervisores e demais agentes escolares] é entendida como uma construção social marcada por múltiplos fatores que interagem entre si, resultando numa série de representações que os sujeitos fazem de si mesmos e de suas funções, estabelecendo, consciente e inconscientemente, negociações das quais certamente fazem parte suas histórias de vida, suas condições concretas de trabalho, o imaginário recorrente acerca da profissão [...] e os discursos que circulam no mundo social e cultural acerca dos docentes e da escola.

Os autores nos remetem a ideia de que o pedagogo na Educação Infantil, em sua primeira impressão gera certa inquietude na sociedade na qual ele está inserido, porém para as crianças a figura do professor homem ou da mulher não interfere no aprendizado.

3 ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa tem por objetivo analisar as questões de gênero que perpassam o ambiente escolar da Educação Infantil quando se tem um homem enquanto professor. Decidiu-se que o sujeito de pesquisa seria um docente masculino atuante encontrado em uma Escola de Educação Infantil do município de Sinop.

Para obter o resultado da pesquisa, foram feitas coletas de dados buscando relatar as questões propostas que reforcem a pesquisa. A partir das questões

propostas ao decorrer do texto, reflete as experiências vivenciadas em uma Escola de Educação Infantil de, sendo os sujeitos participantes um professor, uma coordenadora e três pais de alunos. Os sujeitos serão identificados como: Professor. A, Coordenadora W, Mãe X e Pai Y.

Professor A: Tem 23 anos, formou-se em 2017 pela UNEMAT/Sinop, está cursando duas especializações, sendo uma em tradução, interpretação e docência em Libras pela Unintese/Rio Grande do Sul e outra especialização em Educação Infantil pela FAEL/Sinop. Atua a dois anos na Educação Infantil na pré-escola.

Coordenadora W: Tem 55 anos. Se formou em 2003 pela Faculdade de Diamantina, possui especialização em Gestão e Administração Escolar 2003 pela Faculdade de Colíder. Atua na Educação Infantil há 21 anos.

Mãe X: 23 anos, ensino médio completo.

Pai Y: 35 anos, ensino superior completo.

Através das respostas coletadas, foi possível realizar as seguintes reflexões:

(01) Questionou-se ao professor e coordenadora e pais dos alunos por que existem poucos professores homens atuando na educação infantil.

(01) Professor A: Devido o preconceito que se criou ao longo dos anos.

(02) Coordenadora W: Por não gostar de curso de Pedagogia,

(03) Mãe X: É uma profissão mais feminina.

(04) Pai Y: Por falta de interesse.

As respostas dos sujeitos reforçam a questão da discriminação que os professore possa vir a sofrer se optarem pela profissão de pedagogo. O homem sempre foi o dotado de conhecimento, até a mulher ser chamada a entrar no magistério pelo fato de se alegar que ela havia nascido com o dom de cuidar e educar, com isso passou a ter mais mulheres que homens no magistério nos anos iniciais. Conforme Almeida (1998, p. 66):

A ocupação do magistério pelas mulheres deu-se efetivamente pelo aumento do número de vagas e, segundo alguns historiadores, pelo abandono dos homens desse campo profissional. A retirada dos homens em busca de outros empregos mais bem remunerados teria permitido que seus lugares fossem ocupados pelas mulheres, e alguns autores, aliás, arriscam a hipótese de que era desonroso e até humilhante para os homens exercer essa profissão.

Visto que na visão do autor antes os homens eram os únicos dotados de conhecimento, com a entrada da mulher houve uma desvalorização no magistério e hoje devido às questões de gênero o homem encontra dificuldades para o retorno.

(02) Questionou-se ao professor e coordenadora como percebem atuação do professor na educação Infantil e se a escola em que trabalham cobra alguma postura/jeito masculino na forma de atuar como professor. E apenas para os professores e pais de alunos questionou-se o que é ser homem e o que é ser masculino para eles.

(05) Professor A: Um vencedor, pois muitos colegas o criticavam alegando que essa área de atuação era predominantemente feminina e que a escola cobrava dele uma postura de imposição, pois a instituição era composta por maioria feminina então ele enquanto homem tinha que se impor para obter respeito das crianças, pois elas iriam vê-lo como um exemplo de pai, para ele ser homem é ser uma pessoa do sexo masculino e um ser humano como outro, pois desde criança se é cobrado essa questão de ter atitude de homem ou se portar como homem e na escola ele nos revela que só precisou adaptar a voz, pois o mesmo tem o tom de voz alto e para trabalhar com crianças segundo ele é necessário ter um tom de voz mais calmo.

(02) Coordenadora W: Percebe que os homens sentem muito interesse e tem compromisso com o trabalho com as crianças, que não há nenhuma discriminação que independente do gênero todos são capazes e as cobranças são para ambos independentes do sexo.

(03) Mãe X: Os professores devem ser responsáveis, ter autoridade cumprir com seus deveres e ter caráter.

(04) Pai Y: Este sujeito enquanto educador deve ter um conjunto de atributos, ser amoroso cuidar e que o ser masculino e algo construído socialmente.

Os motivos que levam os homens a escolherem essa profissão são diversos, porém tem que gosta de educar para ser um bom professor na Educação Infantil, pois são várias as representações de gênero nessas instituições de ensino em relação ao agir pedagógico. Louro (1997, p. 24) nos lembra que:

Discutir a aprendizagem de papéis masculinos e femininos parece remeter a análise para os indivíduos e para as relações interpessoais. As desigualdades entre os sujeitos tenderiam a ser consideradas no âmbito das interações face a face. Ficariam sem exame não apenas as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e as feminilidades, como também as complexas redes de poder que (através das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e dos símbolos...) constituem hierarquias entre os gêneros.

A autora nos faz perceber que são as condutas dos profissionais e seus fazeres pedagógicos que são levadas em conta e não suas particularidades de gênero, pois as diferenças étnicas e sexuais dos sujeitos não os caracterizam com um bom profissional, o que leva ao homem que decidi ser um educador ser ciente que ele será julgado socialmente por sua conduta e não pelo fato dele ser do sexo masculino, pois o mesmo obteve a formação.

(03) Perguntou-se aos professores se sua sexualidade já foi questionada por ser professor de Educação Infantil e se já sofreu discriminação ou preconceito por ser homem e pedagogo. Perguntou-se aos coordenadores se percebiam discriminação ou restrição na prática educacional do pedagogo por parte dos pais dos alunos de educação infantil. Perguntou-se aos pais o que acham da discriminação e/ou preconceito que o pedagogo sofre em seu ambiente de trabalho.

(01) Professor A: Sim, e que o mesmo foi questionado se ele era casado se tinha filhos, pois se um homem está atuando ali com as crianças ou ele e gay ou ele e pai de família, o mesmo disse que não necessariamente, pois homem ou mulher

professor se está atuando ali e porque teve uma formação e foi preparado para atuar como docente.

(02) Coordenadora W: Não.

(03) Mãe X: O ideal seria se o professor cuidar dos meninos e a professora cuidar das meninas assim evita assédios.

(04) Pai Y: No mundo de hoje existe preconceito em tudo que é lugar independente se é homens ou mulheres atuando.

Bonfim (2012) nos mostra que ainda há uma diferença entre os gêneros e que essa desigualdade foi construída ao longo dos séculos e se instalou no meio sociocultural passando de uma geração para outra e atualmente ambos os sexos lutam por uma igualdade seja ela na sociedade ou no local de trabalho.

(04) Perguntou-se aos professores se demonstram afeto, sensibilidade, fragilidade na relação com os alunos. Questionaram-se os coordenadores levando em conta a sua experiência educacional como tem sido a aceitação dos alunos desse professor. E quais as barreiras mais perceptíveis na prática docente do professor na educação infantil e, como poderiam ser sanadas. E para coordenação e pais de alunos perguntou-se se existe diferença no resultado do trabalho pedagógico quando os alunos têm um professor homem ou invés de uma mulher como professora.

(01) Professor X: Não.

(02) Coordenadora W: Não há diferença no trabalho, pois todos tem a mesma responsabilidade e as barreiras irão depender da maturidade da equipe na qual o mesmo está inserido.

(03) Mãe X: Sim, vi diferenças no trabalho do homem por ele ser mais autoritário.

(04) Pai Y: Não vejo diferença na pratica pedagógica.

Como visto as respostas tem a mesma linha de pensamento onde há uma questão sociocultural quanto a questão de gênero e cabe ao docente independente do sexo desempenhar um bom trabalho, conquistando seu espaço e que barreiras sempre irão existir. Segundo os autores Kramer (1994) e Codo (1998) a identidade docente na educação infantil se justifica por uma relação entre o cuidar e o educar existente nas salas da educação infantil.

Hoje em dia a presença do homem nesse ambiente e vista como algo fora do comum e que se possível deveria ser evitada. A presença masculina é tida como exemplo e, ao mesmo tempo em que deveria ser evitada ela se faz importante, pois essa imagem masculina vai ser vista pelas crianças como uma imagem de pai que contribui na formação do caráter. E este profissional docente masculino deve ser valorizado não apenas como um exemplo a ser seguido pelas crianças, devesse também levar em conta todo seu preparo e conhecimento obtido no decorrer de sua formação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das pesquisas de revisão literária e entrevistas realizadas a fim de compor o presente trabalho, foi possível compreender os caminhos que levam à construção da docência masculina na Educação Infantil. Em suma conclui-se com esta pesquisa que as questões de gênero que perpassam o ambiente escolar na Educação Infantil são limitadas na visão dos pais e, que em parte as escolas têm acolhido bem os pedagogos no exercício de suas funções enquanto docente dessa área, apesar de ainda existirem algumas situações preconceituosas no comportamento da comunidade escolar e da sociedade em geral.

Presume-se pela análise das respostas que os comentários foram sucintos e restritos o que impossibilitou de certa forma uma maior transparência dos fatos que circundam a docência masculina na Educação Infantil.

Contudo, fica registrado com o resultado dessa pesquisa que o mercado de trabalho para esta demanda deve expandir seus horizontes, conhecendo e respeitando o profissional independente do seu gênero. Toda profissão presume pelo seu código de ética, responsabilidade, respeito e profissionalismo com sua

atuação, ou seja, o pedagogo deve-se manter íntegro e sentir que suas escolhas pessoais não cabem serem julgadas uma vez que estas não estejam interferindo em sua prática profissional. Respeito e dignidade são direito de todos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Unesp, 1998.

APPLE, Michel. Ensino e trabalho feminino: uma análise comparativa da história e ideologia. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 64, p.14-23, fev. 1988.

BONFIM, Cláudia. **Desnudando a educação sexual**. Campinas: Papyrus, 2012.

CARVALHO, Marília Pinto de. Vozes masculinas numa profissão feminina. **Estudos Feministas**, v. 6, n. 2, 1998.

COORDENADORA 1. **Coordenadora 1**: depoimento [15 jun. 2018]. Pesquisador: Jordiel Pereira da Silva. Sinop, MT 2018. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a educação em Sinop.

GARCIA, Maria Manuela Alves; HYPÓLITO, Álvaro Moreira; VIEIRA, Jarbas Santos. As identidades docentes como fabricação da docência. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 31, n.1, jan./abr. 2005.

KRAMER, Sonia. Currículo da educação infantil e a formação de professores de creche e pré-escola: questões teóricas e polêmicas. In: BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação fundamental, Departamento de Políticas Educacionais, Coordenação de educação infantil. **Por uma Política de Formação do Profissional de Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI,1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes,1997.

MÃE X. **Mãe X**: questionário [15 jul. 2018]. Pesquisador: Jordiel Pereira da Silva. Sinop, MT, 2018. Questionário respondido para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a educação em Sinop.

PAI Y. **Pai Y**: questionário [15 jul. 2018]. Pesquisador: Jordiel Pereira da Silva. Sinop, MT, 2018. Questionário respondido para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a educação em Sinop.

PESTANA, Maria Inês, et al. **Estudo exploratório sobre o professor brasileiro: com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007**. Brasília: Inep, 2009. 63 p. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/estudoprofessor.pdf>>. Acesso em: maio 2017.

PROFESSOR A. **Professor A**: depoimento [13 jun. 2018]. Entrevistador: Jordiel Pereira da Silva. Sinop, MT, 2018. Gravação digital. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a educação em Sinop.

RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, Antonio Maria. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do Magistério. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., 2010, Uberlândia. **Anais...** Aveiro: FCT, 2010. p. 6167-6176. Disponível em:

<<http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/556AmandaO.Rabelo.pdf>>.

Acesso em: 05 ago. 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-19, jul./dez. 1990. Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>.

Acesso em: 05 ago. 2017.